

RACISMO E CULTURA: UMA ENTREVISTA COM TEUN A. VAN DIJK

Patrick Rezende *

Mayara de Oliveira Nogueira **

Renata Martins Amaral ***

A Universidade Federal do Espírito Santo, instituição à qual a Revista *PERcursos Linguísticos* está vinculada, tem o prazer de receber no ano de 2015 o professor Teun A. Van Dijk como um dos palestrantes que contribuirá nas discussões levantadas no III Congresso Nacional de Estudos Linguísticos. A presente entrevista realizada com o linguista traz à tona tanto questões relacionadas ao campo teórico-metodológico em que está vinculado o pesquisador – notadamente o campo da Análise Crítica do Discurso (ACD) –, quanto às formações discursivas mais específicas ligadas às elites simbólicas (pesquisadores, professores, entre outros), racismo e poder.

De modo particular, a não inaptidão do racismo e suas diversas e capilares formas nas práticas cotidianas e institucionais são problematizadas pelo entrevistado na medida em que é trazida como ponto de discussão uma situação experienciada pela e na Universidade em questão, o que torna esta entrevista especialmente peculiar para o lugar em que ocorre o encontro.

Teun A. Van Dijk é professor da Universidade Pompeu Fabra de Barcelona (Espanha) desde 1999 e foi professor de estudos do discurso na Universidade de Amsterdã até o ano de 2004. Licenciado em Língua e Literatura Francesa pela Universidade Livre de Amsterdã e em Teoria da Literatura pela Universidade de Amsterdam (ambas na Holanda), é doutor em Linguística por esta última universidade (1972).

* Licenciado pleno em Língua Inglesa e Literatura de Língua Inglesa pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e mestre em Linguística por esta mesma instituição. Atualmente é doutorando em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Bolsista CAPES. E-mail: patrickrezende@hotmail.com.

** Bacharel em Direito pela Universidade Vila Velha (UVV). Licenciada plena em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e mestre em Linguística por esta mesma instituição. Atualmente cursa Doutorado em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Bolsista CNPq. E-mail: nogueiradv@hotmail.com.

*** Bacharel e licenciada plena em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestre em Linguística Aplicada por esta mesma instituição. Atualmente é doutoranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Bolsista CAPES. E-mail: martinsamaralrenata@gmail.com.

Inicialmente Van Dijk teve como foco de suas pesquisas o estudo da literatura. Entretanto, rapidamente volta seu interesse para os campos gramatical, discursivo e pragmático, e, posteriormente, para o campo da psicologia cognitiva e processos discursivos. Na década de 1980 seus trabalhos se concentraram em duas áreas fundamentais: o estudo de estruturas, produção e compreensão de notícias midiáticas; e a análise da expressão/reprodução de diferentes tipos de discurso sobre minorias. Já nos anos 1990, o pesquisador enveredou seu trabalho para questões relacionadas ao poder, à ideologia e à representação e manutenção discursiva de estruturas sociais e políticas. Atualmente, suas pesquisas se concentram em temas ligados a discurso, conhecimento e contexto. Ademais, lidera um projeto internacional sobre o discurso e o racismo na América Latina (com equipes no México, Colômbia, Venezuela, Brasil, Argentina, Chile e Peru).

1 – No Brasil são construídas imagens e discursividades que produzem um efeito de hibridismo que parece ter dado certo. A todo momento, formações como “o brasileiro não é preconceituoso” ou “não existe racismo no Brasil” são repetidas e reafirmadas. Como o senhor acredita que tais discursos emergem? Qual o perigo de não se marcar ou assumir o racismo?

A negação do racismo é típica do racismo, especialmente das "elites simbólicas" na política, nos meios de comunicação e educação que estão cientes das normas antirracistas de uma sociedade democrática. A fórmula característica é "Eu não sou racista, mas....", das quais a primeira parte é uma forma de autoapresentação positiva, mas a segunda expressa uma opinião preconceituosa, ou, por exemplo, uma oposição contrária ao antirracista, ações afirmativas ou legislação. Para além de uma forma de autoapresentação positiva (ou a negação de críticas do grupo interno), recusas de racismo (tipicamente por membros do grupo dominante branco) também pode significar ignorância sobre o racismo em geral e sobre as muitas formas de racismo, em particular, no Brasil - por exemplo, tal como definido e experimentado pelos próprios negros ou como descrito na pesquisa crítica. Para mais detalhes, consulte: Van Dijk, T. A. (1992). *Discourse and the Denial of Racism. Discourse & Society*, 3(1), 87-118.

1 – In Brazil, images and Discourses that produce hybrid effects and seem to catch on have been constantly constructed. Oftentimes, sentences like "Brazilians have no prejudice" and "there is no racism in Brazil" are repeated and assumed. How do you

think such discourses emerge? What is the point of not marking or assuming that racism exists?

The denial of racism is typical of racism, especially of the 'symbolic elites' in politics, the media, and education that are aware of the antiracist norms of a democratic society. The characteristic formula is "I am not a racist, but....", of which the first part is a form of positive self-presentation, but the second part expresses a prejudiced opinion, or for instance an opposition against antiracist, affirmative action or legislation. Apart from a form of positive self-presentation (or the denial of criticism of the ingroup), denials of racism (typically by members of the white dominant group) also may mean ignorance about racism in general, and about the many forms of racism in Brazil in particular -- for instance as defined and experienced by black people themselves or as described in critical research. For detail, see: Van Dijk, T. A. (1992). Discourse and the Denial of Racism. *Discourse & Society*, 3(1), 87-118.

2 – Reiteradamente é afirmado que se há preconceito no Brasil ele não é racial, mas social. O que o senhor diria a respeito disto?

Esta é outra forma de negação, ao «transferir» ações negativas do grupo interno para possivelmente violações menos graves das normas sociais - como se a discriminação social fosse menos grave do que a discriminação racista. E, novamente, tal negação revela ignorância sobre todas as pesquisas que mostram que o principal fator das formas de discriminação é racial, mesmo quando combinado com aspectos sociais ou de gênero. Homens negros e ricos também experimentam formas de discriminação, mas é verdade que mulheres pobres e negras sofrem de uma forma tripla de discriminação. Mas, mesmo quando combinado na vida cotidiana, o racismo é um fator independente de discriminação. A maioria das pessoas negras no Brasil não é discriminada primeiramente porque é pobre, mas porque elas são negras. Na verdade, a principal razão para as pessoas mais pobres serem pobres é porque elas são negras. Racismo - voltando à escravidão - é a principal causa geral de pobreza no Brasil.

2 – Repeatedly, it is stated that if there is prejudice in Brazil, it is not racial but social. What would you say about it?

This is another form of denial, by 'transferring' negative ingroup actions to possibly less serious violations of social norms -- as if social discrimination were less serious than racist discrimination. And again, such a denial betrays ignorance about all the research showing that the main factor of forms of discrimination is racial, even when combined with social or gender aspects. Rich black men also experience forms of discrimination, but it is true that poor black women suffer from a combined triple form of discrimination. But even when combined in everyday life, racism is an independent factor of discrimination. Most black people in Brazil are not primarily discriminated because they are poor but because they are black. In fact, the main reason most poor people are poor is because they are black. Racism -- going back to slavery -- is the main general cause of poverty in Brazil.

3 – O senhor participará de um evento na Universidade Federal do Espírito Santo, local no qual alunos de diferentes cursos denunciaram, ano passado, um professor por sua postura racista durante uma aula. O educador teria feito afirmações tais como: “detestaria ser atendido por um médico ou advogado negro”, por exemplo. Uma representação contra o professor foi apresentada ao Ministério Público Federal, levando o denunciado ao afastamento do cargo. Conquanto o juiz tenha considerado a opinião do docente como “fracassada”, o magistrado afirmou que o docente não pode ser acusado de racista, uma vez que não há “real intenção do acusado em menosprezar a cor negra”. Este ano o professor voltou a lecionar nesta mesma universidade. Quais papéis são desempenhados por instituições na reprodução, motivação e manutenção do racismo? O senhor acredita que tal episódio e seu desdobramento refletem o racismo por parte das instituições?

A resposta simples e óbvia para essa pergunta é: Obviamente, sim! Mostra que o racismo é largamente reproduzido na sociedade pelas elites simbólicas, dos quais juízes (brancos) fazem parte. O veredicto do juiz é em si uma bem conhecida negação e ignorância do racismo, e, portanto, reproduz o racismo, mesmo quando a própria Constituição é explicitamente antirracista. De modo mais geral, também no Brasil, as normas ou leis podem ser antirracistas, mas o comportamento social real, também entre as elites, pode desrespeitar essas normas - neste caso, obviamente, quando um membro das elites, um juiz, protege outro membro das elites, um professor. Isso pode até ser o caso de tais formas flagrantes de racismo como a ocorrida no Espírito Santo.

3 – You are going to participate in an event at the Federal University of Espírito Santo (UFES), where students from different majors reported that a professor had a racist conduct during a class last year. The schoolmaster would have made statements like "I'd hate to have a black doctor or lawyer", for example. A complaint against the professional was presented to the Federal Public Ministry (Ministério Público Federal), and the professor was ousted from his classes. Although the judge has considered the professor's opinion "a failure, he said the professor cannot be accused of racism, since there is no "real intention of the respondent to belittle the black color." This year the schoolmaster has been teaching at the same college again. What roles are played by institutions in reproduction, motivation and maintenance of racism? Do you think that such an episode and its unfolding reflect racism by institutions?

The obvious simple reply to this question is: Obviously, yes! It shows that racism is largely reproduced in society by the symbolic elites, of which (white) judges are part. The judge's verdict is itself a well-known denial of, and ignorance of racism, and hence reproduces racism, even when the constitution itself is explicitly antiracist. More generally, also in Brazil, the norms or laws may be antiracist, but actual social behavior, also among the elites, may flout such norms - in this case obviously when a member of the elites, a judge, protects another member of the elites, a professor. This may even be the case for such blatant forms of racism as the one in Espírito Santo.

4 – Que fatores históricos e/ou sociais contribuíram para a prática e arraigamento do racismo na América do Sul?

Aqui uma resposta adequada exigiria um livro inteiro ou enciclopédia. Resumindo, tanto em pesquisas internacionais quanto brasileiras, eu diria em primeiro lugar que os racismos latino-americano e brasileiro são racismos europeus, importados por imigrantes europeus, por exemplo, a fim de legitimar a escravidão e a opressão aos negros, e mantidos, reproduzidos e adaptados pela maioria branca, objetivando a permanência no poder em todos os domínios relevantes da sociedade. Obviamente, tal racismo europeu é sempre adaptado à situação local ou nacional, e seus detalhes diferentes no México, Bolívia ou Brasil. Mas o denominador comum essencial e "a racionalidade" fundamental do racismo na América Latina é o de manter a dominação branca / europeia.

4 – What historical and/or social factors contribute to the perpetration and rootedness of racism in South America?

Here an adequate reply would require a whole book or encyclopedia. Summarizing much international as well as Brazilian research, I would say first of all that Latin American and Brazilian racisms are European racisms, imported by European immigrants, for instance in order to legitimize slavery and black oppression, and maintained, reproduced and adapted by the white majority in order to remain in power in all relevant domains of society. Obviously, such European racism is always adapted to the local or national situation, and its details different in Mexico, Bolivia or Brazil. But the crucial common denominator fundamental 'rationality' of racism in Latin America is to maintain white/European domination.

5 – Qual papel o senhor atribui às elites na manutenção e perpetuação do racismo?

O racismo não é inato, mas aprendido. É aprendido pelo discurso e comunicação dentro do grupo branco dominante. O discurso público é controlado pelas elites simbólicas - isto é, por líderes políticos, jornalistas, professores, juízes, etc. Portanto, estes são os principais responsáveis pela reprodução do racismo na sociedade, mesmo quando as formas "populares" de racismo, legitimadas por tal discurso, podem às vezes ser mais evidentes e flagrantes. As elites dão o exemplo. Uma sociedade é tão racista quanto suas elites - embora mudanças entre as atitudes ou ideologias das elites podem levar um longo tempo para influenciar a sociedade como um todo.

5 – What role do you attribute to the elites in the maintenance and perpetuation of racism?

Racism is not innate but learned. It is learned by discourse and communication within the dominant white group. Public discourse is controlled by the symbolic elites -- that is, by leading politicians, journalists, professors, judges, etc. Hence these are mainly responsible for the reproduction of racism in society, even when 'popular' forms of racism, legitimized by such discourse, may sometimes be more overt and blatant. The elites give the example. A society is as racist as its elites are -- although changes among the attitudes or ideologies of the elites may take a long time to influence society as a whole.

6 – Quais são as principais marcas que diferenciam as práticas racistas encontradas na América do Sul das presentes na Europa?

As características fundamentais são as mesmas: a discriminação e o preconceito direto contra *Outros* não europeus. Na Europa, além do racismo antissemitismo e antirromani, a maioria das atuais formas de racismo é dirigida contra os imigrantes, e, portanto, combinando racismo com xenofobia, mas, em ambos os casos definidos em termos de reprodução do poder branco europeu. Na América Latina, europeus e africanos são "imigrantes", mas o racismo antinegros latino-americano tem se desenvolvido principalmente para sustentar e legitimizar a escravidão e, em seguida, a dominação da população negra - e indígena.

6 – What are the major characteristics that differentiate between the typical racist practices in South America and the ones in Europe?

The fundamental characteristics are the same: discrimination and prejudice directed against non-European *Others*. In Europe, besides anti-Semitism and anti-Romani racism, most current forms of racism are directed against immigrants, and hence combining racism with xenophobia - but in both cases defined in terms of the reproduction of white, European power. In Latin America, both Europeans and Africans are "immigrants" but in Latin America anti-black racism has primarily developed to sustain and legitimate slavery and then the domination of the black -- and indigenous - population.

7 – Considerando que uma das tarefas dos Estudos Críticos do Discurso (Critical Discourse Studies - CDS) é formular as normas que definem a “injustiça discursiva”, de que modo podemos expor e colaborar no combate da injustiça relacionada ao racismo, o qual muitas vezes é veiculado e propagado nas redes sociais digitais contemporâneas?

Há muitas formas de Análise Crítica do Discurso (ACD), também no Brasil, que podem contribuir para os objetivos e as normas de investigação crítica, ou seja, para lutar contra a injustiça e em favor de uma sociedade igualitária e justa. O racismo no discurso público pode ser tanto óbvio, bem como sutil, por exemplo, nas onipresentes telenovelas, e os (limitados, estereotipados) papéis de atores negros. Nos relatos da mídia, especialmente sobre crimes. Nos livros escolares que não representam a diversidade étnica do país. Em decisões judiciais como a do juiz racista mencionado acima. Nos meios de comunicação, nos discursos políticos ou acadêmicos adversários à ação afirmativa. E assim por diante. O racismo se expressa em todas as práticas sociais, normalmente em muitas formas de exclusão e discriminação - crucial para a própria aquisição do racismo, e, conseqüentemente, o papel do discurso público é a reprodução do sistema global do racismo, produzido ou controlado pelas elites simbólicas, e reproduzidos na conversação diária entre a população em geral.

7 – One of the Critical Studies Discourse's task (CDS) is to formulate the rules that define the "discursive injustice". How can we expose and fight against injustice related to racism, which has often been conveyed and spread in contemporary digital social networks?

There are many forms of critical discourse analysis, also in Brazil, that may contribute to the aims and norms of critical inquiry, namely to struggle against injustice and in favor of an egalitarian and just society. Racism in public discourse may be both obvious as well as subtle, for instance in the ubiquitous *telenovelas*, and the (limited, stereotypical) roles of black actors. In the media account, especially of crimes. In school textbooks that do not represent the ethnic diversity of the country. In legal verdicts as the one of the racist judge mentioned above. In media, political or academic discourse opposing affirmative action. And so on. Racism is expressed in all social practices, typically in many forms of exclusion and discrimination - but crucial for the very acquisition of racist prejudice, and hence for the reproduction of the overall system of racism is the role of public discourse, as produced or controlled by the symbolic elites, and as reproduced in everyday conversation among the population at large.

SUGESTÕES DE LEITURA

VAN DIJK, T. A. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1992.

Na obra são problematizadas questões relacionadas à interação humana a partir de uma abordagem filiada ao cognitivismo enquanto modelo relacionado aos conhecimentos de mundo e partilhado pelos interactantes em uma situação de interação comunicativa.

_____. **Discurso, Notícia e Ideologia. Estudos na Análise Crítica do Discurso**. Porto: Campo das Letras, 2005.

Trata-se de uma coletânea composta por textos que exemplificam temas de interesses desenvolvidos por Teun A. van Dijk no quadro dos Estudos Críticos do Discurso, com especial atenção para aspectos relacionados à comunicação, mídia, poder e ideologia.

_____. **Racismo e Discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008.

Fruto de um projeto de pesquisa coletivo entre pesquisadores de oito países da América Latina, a obra tem como mote principal o discurso racista e práticas sociais subjacentes à sua produção e reprodução discursiva.

_____. **Discurso e poder.** São Paulo: Contexto, 2008.

Com base na Análise Crítica do Discurso, o autor desenvolve ferramentas de análise e observa formas de abuso de poder – tais quais a manipulação, a doutrinação e a desinformação – em exemplos concretos como notícias de jornal, livros didáticos e discursos políticos.

_____. **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva.** São Paulo: Contexto, 2012.ⁱ

Em sequência a trabalhos anteriormente realizados pelo autor, a obra aborda a noção de contexto, explicando como o discurso se insere na sociedade e conferindo protagonismo a um conceito pouco sistematizado em termos teóricos: o contexto.

ⁱ Agradecemos à Professora Doutora Lillian DePaula por revisar tão gentilmente a tradução da entrevista.